

3

Origem e povoamento

Muitas opiniões e hipóteses sobre origem dos Bijagós, sobre as quais serão feitas referência mais à frente, foram avançadas, não existindo, todavia, uma que possa ser tomada como a mais válida e precisa. Na fase actual das investigações que se espera prosseguir por mais tempo, não podem ser feitas afirmações concludentes nem sobre a sua origem, nem sobre o período exacto em que povoaram o Arquipélago. Uma coisa porém é certa: o Arquipélago não é o berço dos Bijagós.

A julgar pelas referências feitas por comerciantes e navegadores ao serviço da Coroa portuguesa, o arquipélago, outrora terra firme, teria sido primeiramente povoado pelos Bijagós e, muito tempo depois, por outras etnias. Os Bijagós, de acordo com Fernando Rogado Quintino (1969: 886), são considerados, com base em alguns traços culturais, um produto do cruzamento de um antigo povo com vários grupos, principalmente quatro:

- a) Com os fixados em Bissássema, aparentados com os Nalus;
- b) Com os fixados no Quínara, aparentados com os Beafadas;
- c) Com os fixados na ilha de Bissau, aparentados com os Papéis;
- d) Com os fixados na Costa de Baixo, aparentados com os Manjacos.

Sobre esta teoria é de fazer reparar que o seu mentor fala do cruzamento de um antigo povo sem, no entanto, referir que povo em concreto. Muito original se apresenta uma outra teoria desenvolvida pelo mesmo autor segundo a qual o grupo étnico bijagó possui traços culturais que se assemelham aos dos povos do Próximo Oriente. Ele escreve argumentando: “Há esculturas e pinturas encontradas em túmulos faraónicos bastante expressivas da similaridade [...] pintura que é duma semelhança flagrante com uma pintura rupestre descoberta por Henri Lotte nos montes Tassili [...] Dificilmente se pode aceitar como produto de mero acaso uma tão sugestiva similaridade” (1966: 20).

A propósito ainda da origem, Lemos Coelho, citado por Teixeira da Mota (1947: 20), fala dos Bijagós como sendo, primeiramente, povoadores do Quínara, que depois foram repelidos pelos Beafadas.

A história oral encontra-se todavia mal explorada e, tanto quanto se sabe, apresenta-se muito pouco precisa e pouco esclarecedora. Os Bijagós dizem-se provenientes da Guiné-Conakry e consideram-se ao mesmo tempo parentes dos Nalus, dos Beafadas, dos Felupes e até dos Papéis. Não se consegue perceber de quem são efectivamente parentes ou com qual destes grupos têm maiores afinidades.

A sua origem cultural continua por definir. As crónicas e os escritos deixados pelos navegadores limitam-se a breves referências sobre a sua vida e modo de estar. Dizem que os Bijagós só sabem fazer a guerra, construir embarcações e extrair o vinho de palma (Almada, 1594).

No entanto, as diferentes hipóteses avançadas quanto à sua origem permitem concluir que eles viviam algures no continente e a partir de um dado momento, provavelmente antes do séc. XV, altura em que se produziram os primeiros contactos dos europeus com a costa ocidental africana, passaram a povoar as ilhas do Arquipélago. O povoamento teria ocorrido em períodos diferentes, sendo que umas ilhas serviram de ponto de partida para a ocupação de outras, à procura de melhores meios de subsistência.

Actualmente habitam, de forma permanente, pouco mais de vinte das oitenta e oito ilhas e ilhéus que constituem o Arquipélago. Segundo informações recolhidas junto dos mais velhos, de entidades religiosas e de fontes ligadas ao poder, algumas são habitadas periodicamente para fins agrícolas, caso das ilhas de João Vieira, de Rubane, de Enu, de Edana, de Roque de Ratun e demais, enquanto que outras se destinam à prática de cultos religiosos, como é o caso da ilha de Poilão, onde é empossado o régulo da tabanca de Ambeno, da ilha de Canhabaque. De acordo com o ordenamento e as normas de conservação e de gestão tradicional do território, existem varias restrições e tabus, razões pelas quais não deve haver vida humana, de forma permanente, em toda a parte. Há ilhéus e/ou parte de ilhas onde não é permitido ter relações sexuais, caso da ilha de Cute, do ilhéu de Manassa, da ilha de Poilão, da Ponta de Amesso na ilha de Onhucomo, das ilhas de Papagaio e Maramba, etc. Há outras em que não pode haver derramamento nem de sangue humano nem de animal, por exemplo no ilhéu de Quai e na ilha de Angurma. Há ainda algumas que são vedadas às pessoas não iniciadas, como é o caso dos ilhéus de Amepata e Ebenuga. Na ilha de Rubane, onde actualmente foram construídos dois acampamentos turísticos, não pode haver moradias bijagós permanentes. Os mortos não podem aqui ser enterrados⁷.